

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

LISBOA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : ED. RUA IVONA

Dirigir todos os pagamentos e anúncios
sólo em Portugal ao Sr. DAVID CORAZZI, 42, rua
da Adalaria, LISBOA; e no Brasil, no Sr. José da
Mello, 38, rua da Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Prix du numero à Paris: 1 franc.

7.º ANNO.— VOLUME VII.— N.º 21

LISBOA 15 DE NOVEMBRO DE 1890

Gerente em Portugal e Brasil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAIA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNO	1.400 REIS
ESCOLARTE	1.200 —
VAMPIRENA	600 —
AVULSO	100 —



O DOMINGO. — QUADRO DE ADRIEN MARIE.



CHRONICA

— 18 —

EM Lisboa, à proporção que as livrarias augmentam, vão rareando os livros. Parece isto um paradoxo, pois que em geral só se abrem livrarias quando a produção é grande e os leitores aumentam progressivamente.

Mas as livrarias abrem-se para dar saída aos livros estrangeiros, e não para vender livros portugueses — pela simples razão de que os não ha.

E porque não ha livros escriptos em lingua portuguesa nas livrarias de Lisboa? Porque não ha escriptores para os escrever, ou porque não ha publico para os comprar?...

Os escriptores afirmam que não ha publico, e que não vale a pena escrever um volume para se venderem seis exemplares. E o publico afirma que não ha quem escreva, e que para ali aparece (com raras exceções) não vale a pena ler...».

Quem tem razão? Os escriptores duvidam do publico; ou o publico afastandose e desilludindo-se dos escriptores?...

* * *

Eu, pela minha parte, nestas divergências entre o escriptor e o publico — dou sempre razão ao publico.

O publico nunca deixou de comprar o que é bom. Deem-lhe um livro bem pensado e bem escrito, escripto com aquella sinceridade e encanto com que enche 300 paginas qualquer escriptor frances, — e o publico compra-o com o mesmo prazer e a mesma curiosidade com que compra um livro chegado de Paris.

Se não ha livros portugueses nas livrarias, não é por falta de quem os compre — é por falta de quem os escreva.

A nossa mocidade litteraria está num período de esterilidade, ou de mandarice, verdadeiramente desolador.

Quando olhamos para a fecunda geração de Herculano e de Garrett; quando olhamos para a geração a que pertencem Gamillo, O. Martins, Ramalho, Queiroz, Bento Moreno; e quando olhamos para os díhoje, para os escriptores da ultima hora, — ficamos assombrados do nada que teem produzido, das futilidades que teem tentado imprimir.

* * *

Dar-se-ha o caso de que já não haja entre nós quem tenha ideias, sentimento ou imaginação?

Se ponhos de lado algum volume de versos — algum raro e delicado volume como o que escrevem Antonio Feijó — que resta a um portuguez para ler? Onde está o romance, o livro de contos, o volume de critica, de historia ou de philosophia que nos prenda a atenção, que nos ponha em contacto com um novo artista ou um novopensador? Pois já não haverá assumpto em Portugal para escrever um livro?

Em que passa as horas a geração do meu tempo, toda essa mocidade portuguesa dos vinte cinco aos trinta annos, que tem um cérebro para pensar, um coração para sentir e uma pena para escrever?

Realmente, que me sinto envergonhado

quando me lember que faço parte de uma geração tão estéril. Quando olho para uma praia e vejo toda a obra da geração de Herculano, de Camillo e de Ben de Quiriz, eu pergunto a mim mesmo aterrado, que bagagem temos nós que nos recommenda, e prove que somos dignos de termos vivido n'esta época em que ha tantas idéas em circulação, e tantos problemas sobre os quais seria tão nobre meditar, procurando ilucidá-los, senão resolvê-los.

* * *

E extraordinário o que hoje se lê em Lisboa... Ha um desajo enorme de receber emoções, de emitir em commerce com os melhores espiritos das letras, da amar e os defender contra as críticas implacaveis.

As senhoras da nossa sociedade, quando reunidas, passam horas contando as impressões que lhe deixaram os livros de Bourget ou de Maupassant, os antigas de Lemaitre ou de Fouquier; interessam-se pela vida desses escriptores, e fazem dos seus escriptos a pre-ocupação das suas leitoras quotidianas.

Porque razão, o lugar que ocupam no espirito das senhoras portuguesas certos escriptores estrangeiros como Bourget ou Daudet, não é também em parte ocupado pelos escriptores nacionais?...

Porque esses escriptores, ou de tal modo se estenderiam, ou de tal modo se desviam da vida da sociedade portuguesa, que os livros isolados que aparecem de meses a meses não apassem a sociedade, nem são de molde a proporcionar-lhe o mesmo grau de interesse e o mesmo numero de sensações literarias que lhe desperta um livro de auctor frances.

* * *

Isto quer dizer que o auctor frances tem mais talento ou mais imaginatio que um auctor portuguez?... Decerto que não, pois que do seu tempo Herculano é o igual de Thierry e Edgard Quinet; e do nosso tempo Queiroz é o igual de qualquer illustre romancista frances.

listra raraide de livros e este como que divordio entre o auctor portuguez e a socieda de portuguez, quanto a mim significam apenas ignorancia absoluta do auctor do que é a sociedade do seu tempo, não lhe conhecendo as idéas, nem os appetites, não praticando nem um esforço para lhe servir um hyro com que a domine e com que a apaixone.

A primeira qualidade de todo o auctor frances como elemento de sucesso, é que o auctor frances é um perfeito oficial do seu officio.

Ha por ahi o erro de que só se pode ser romancista num paiz onde escrever um romance constitue uma fortuna e um modo de vida. Mas quantos romancistas ha em França para os quais o romance não é um modo de vida e que andam bem longe da fortuna? E em todo o caso, d'elles aparece todos os annos um livro, que vai interessar e apaixonar o seu modesto grupo de leitores. Nem todos os autores vendem 100000 exemplares como Zola.

* * *

A primeira condição de sucesso para um romancista é ser artifice. O escriptor tem obrigação de produzir todos dias, de tantas a tantas horas, como qualquer operario d'entro dum fabrica, como qualquer homem de scienzia no seu gabinete ou no seu laboratorio.

Um homem publicar um volume, e ficar a porta da Hayanea de braços cruzados, du-

rante cinco, dez annos, ou o resto da sua vida, eis o mal, eis o erro, eis a explicação da falta de leitores.

Um escriptor precisa de ter os seus clientes, os seus freguezes, como o pintor, o escultor, o medico, ou o advogado. Para causar interesse a uma sociedade, é preciso dar-lhe constantemente, em periodos certos, uma obra nova.

Peguem na obra de Zola, e verão a quantidade de volumes do começo da sua carreira que continuam ignorados. Mas à força de arremeter todos os annos com um volume, à força de apparecer invariavelmente todos os annos com mais um romance, a sociedade acabou por folhear os seus livros e finalmente por se apaixonar por tudo quanto hoje o romancista produz.

E sabem os senhores em que edade o publico começou a lê-lo e a ter admiração pelo artista? Quando Zola já tinha passado os 40 annos!

Ora que sucederia a Zola, se so ter publicado o primeiro volume, deante d'um exito mais que mediocre, de venda e de critica, elle tivesse cruzado os braços, e deixado de produzir? Nunca o seu nome teria feito carreira, num dia o romancista teria manifestado aquella pajanga de talento que só depois do Assomar e Germinal é que realmente assombrou o mundo litterario.

* * *

Diz um velho dictado portuguez que «é preciso arremeter para vencer». Isto aplicado as lettras quer dizer que «é preciso escrever para ser lido»; e que não é razão para deixar de escrever, o facto de se terem vendido apenas 100 exemplares do primeiro volume que se pôz à venda.

O que devemos pensar, é que é muito triste ver nas livrarias de Lisboa unicamente livros estrangeiros, e não apparecer a venda um unico livro de auctor portuguez. E que os modernos escriptores tem obrigação de continuar pelos annos além esse bello esforço litterario que partiu de Garrett e de Herculano, tem obrigatoriedade pensar e de produzir, em vez de passarem as horas na mi lingua dos botecinhos, berrando contra a decadencia da sociedade.

Decadentes são somente os senhores, que nadu tem no cerebro, pois que nadu deitam ca para fora. Menos palavras e mais obras. Menos mi lingua e mais trabalho.

Ah! isso seria uma ridicula e insignificante geraçao de sujetinhos que liquidaram a conversa, sem mesmo d'esta geraçao ter sahido um dito.

Porque ate os ditos, os senhores não fazem senão reeditá-los dos velhos autoress que nos precederam.

Meus senhores! Toca a trabalhar! toca a produzir!...

MARIANO PIVA.



ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

Eu não te posso a ti dizer mais nada,
Senão essa palavra já sem força,
A' força de empregada,
Mas eu, timida corça
E minha amada!
Ponha innocentemente,
Tão longe e tão presente!
Digo a tu... com quanto forza mais,
Mais pura intuito
E mais razão!
Essa palavra... as syllabis são sis
Que me sahom a mim do coração...
Ame-te muito! muito!

José de Deus.

AOS NOSSOS LEITORES

O presente numero da ILLUSTRAÇÃO é já feito em Lisboa... Tal era um dos melhoramentos que ha muito desejávamos realizar na nossa revista, e que hoje conseguimos pôr em prática.

A ILLUSTRAÇÃO, que nenhuma publicação do mesmo gênero ainda foi capaz de exceder no que respecta à sua parte artística, não podia muitas vezes competir com os seus concorrentes em assuntos de actualidade literária, crítica e mundana. O seu texto peccava pela demora nos transportes marítimos, nas expedições em caminho de ferro, e nas passagens pelas alfândegas.

Foi esse problema que procurámos resolver: é essa dificuldade que hoje vencemos, — apresentando aos nossos leitores de Portugal uma ILLUSTRAÇÃO feita em Lisboa, e que vai ser uma revista de família, uma revista de actualidades, com todos os atrativos da última hora.

Estamos por enquanto no período da instalação, e não podemos dar já hoje uma idéa dos melhoramentos que tencionamos realizar. Nos próximos números verá o PÚBLICO de que colaboradores nos vamos rodear, e que inovações havemos de introduzir na nossa ILLUSTRAÇÃO, n'esta ILLUSTRAÇÃO fundada há sete anos, que tantos imitadores tem provocado, que tantas invejas tem suscitado, mas que continua a sua brilhante carreira, graças ao favor sempre crescente do nosso PÚBLICO para com um jornal que apenas pensa em lhe dar bellas obras d'arte, e sinceras páginas de critica e de literatura.

Para tudo quanto respeita a renda avulso e a assignatura, tanto em Portugal como no Brasil, continua sendo nosso único agente a Companhia Nacional Editora.

Para tudo quanto respeita a reclamações ou esclarecimentos de qualquer ordem, a assuntos relativos à direcção ou à redacção da nossa revista, as cartas devem ser dirigidas ao nosso director Mariano Fina, rua Ivens, 29, Lisboa, redacção do NACIONAL.



AS NOSSAS GRAVURAS

O DOMINGO

O nosso ilustre colaborador Adrien Marie não é só um ilustrador dos de maior fama de Paris; é também um pintor do gênero de sabido valor.

A ILLUSTRAÇÃO já em tempo reproduziu alguns dos seus quadros. Hoje oferece o Domingo, onde se mostra um pintor dedicado, um colorista quem digno da nossa admiração.

Este quadro de uma bela composição é d'uma delicada factura, trazendo à vista pena francesa e naturalidade com que o assumpto foi tratado, graças à mão que é habil e firme.

Tudo é simples e gracioso n'esta página familiar intitulada Domingo. E o contraste estabelecido com tanta felicidade entre a graca candida da criança e a rudeza do velho soldado, imprime a este grupo um sabor muito particular.

A ÁFRICA OCCIDENTAL

Tudo quanto se refere à África é hoje (infelizmente tão turdo!) lido com avidez por todos os caudilhos da sociedade... Sei percebermos este mal, a partir de 11 de junho, que precisavam estudar com o maior cuidado as questões africanas — aliás termos perdido as nossas colônias.

A redacção da ILLUSTRAÇÃO não tem a pretensão de inaugurar nas suas páginas um curso sobre África. Sómente, o que deseja mostrar aos seus leitores são todos os documentos pitorescos que lhe venham ás mãos.

Hoje ocupamo-nos da Costa do Ouro e do Dahomé, na África occidental, territórios que já foram nossos, e que hoje estão em poder da França.

Ultimamente a França teve necessidade de castigar as insolências e as crueldades praticadas pelo rei de Dahomé, contra negociantes estabelecidos na costa e contra escravos.

Hoje um tratado foi oficialmente concluído entre a França e o Dahomé, esta misteriosa e quasi desconhecida região, só celebre pelas crueldades praticadas pelo rei, mandando em certo dia do ano, em sinal de registo, degolar centenas de escravos.

Nossa página de gravuras, composta sobre documentos fornecidos graciosamente pela Sociedade de Geografia, de Paris — mostra-nos aspectos da região, tipos variados de indígenas, costumes e construções. Eis no seu trono (grav. n.º 1) abanando-se com uma venturilha de pulmão, o rei de Abéakuta, Atule, roteando os seus escravos e das suas mulheres, à porta da palha ou real. Eis um grupo de ruparigas (n.º 4) os troncos nus, na mais simples das toletas. Um uso do pano resguarda-lhe um costume mais fechado, quando farem casas... Eis o aspecto pitoresco (n.º 2) do rio Volta, um pouco acima do Volaga. E mais tipos indígenas, cuja photographia, reproduzida pela gravura, dá mais completa idéa do que é o Dahomé, que todas as narrativas escritas,

MONUMENTO
À MEMÓRIA DE DELACROIX

Foi inaugurado em Paris, no lindo jardim do Luxemburgo, no domingo, 10 de outubro, deante dum numeroso público de artistas, homens de letras e membros da sua sociedade parisiense.

Presidiu à cerimónia o ministro da instrução pública e belas artes, tendo a seu lado o sr. Vacquerie, redactor do Rappel, presidente do comité do monumento, e o sr. Le Royer presidente do Senado. O Instituto de França achava-se representado pelo mestre Ambroise Thomas, pelo pintor Chaplain, pelo pintor Boulliot, pelos mestres Massonet e Reyen, etc.

O monumento do grande pintor do romantismo, d'aquele que em pintura é o igual de Victor Hugo poeta, é devido ao grande escultor Dalou, um artista nosso contemporâneo, da raça de Carpeaux, e cujas esculturas lhe tem valido o cognome de «Rubens da pedra».

O monumento visto assim de frente, como a nossa gravura o representa, é d'uma grande linha desafogada e majestosa. Todo o grupo tem força, elegância e arrojo. É atirado para cima do mármore com prodigiosa mestria.

No topo do monumento, Apollo sentado bate as polmas. A seu direita o Templo ergue nos braços a Fama, que envolve de louros o busto de Delacroix. É uma soberba ilusão de injustiça da critica, pois que Delacroix foi sempre em vida muito contestado, conhecendo só a velhice as alegrias do sucesso.

Esta obra de Dalou é mais uma glória para o escultor, que de anno para anno nos assombra com as maravilhas do seu talento.

Dalou era um grande amigo de Gambetta, e é um amigo íntimo de Rochefort, de quem ha dois annos fiz um soberbo busto em bronze. Dalou arduo ligado aos dramas da Comuna, andando muito exilado, e vivendo instantes amargos em Londres. Foi só depois da lei da amnistia (1881) que Dalou entrou em França, assim como Rochefort.

O PESCADOR DE CONCHAS

E' um assumpto muito simples, mas tratado com grandes qualidades de observação, o que hoje trouxe os elogios da tela d'um artista da moderna escola hespânica. Chama-se o pintor: Baixeras Verdúquer.

Como quadro, a baixa d'um porto, vendo-se no horizonte, sob um céu de nevoa matinal, as silhuetas muito vagas dos altos mastros. E no primeiro plano, muito em vigor sobre a pallidez dos longos, o volto marinheiro destacando a sua grossa figura sobre a d'água das aguas.

Eis um assumpto d'uma composição pouco complicada, mas a sinceridade da execução assegura lhe o sucesso, e o qual é, na nossa série de gravuras artísticas, é digno do lugar que hoje lhe damos.

AS VINDIMAS EM HESPANHA

A vinha era no tempo dos Romanos um pretexto para festas e prazeres que os poetas e os artistas celebraram largamente. Anacreonte conseguiu-lhe uma ode; Raphaël d'el-a se inspirou para uma composição admiravelmente gravada por Marco-Antonio; Prud'hom, Wintecleather, Alma Tadema, encontraram ali assunto para quadros celebres.

Não são as vindimas romanas as que hoje celebramos, mas sim as vindimas hespânicas, que é o mesmo que dizer «vindimas portuguesas».

O nosso ilustre colaborador Viierge desenhou nos várias scenas das vindimas, mostrando nos os campões rurais hespânicos apantando as uvas, e transportando-as para os lagares, onde depois as pisam nas dormes, com os pés, como se pratica em Portugal.

Estes desenhos são tratados com uma poderosa originalidade; e apesar da terrível paralisia que lhe deu o cabo do braço direito, Viierge, com a mão esquerda, ainda executou desenhos que são verdadeiras maravilhas de observação e de graça.

OS MEZES — NOVEMBRO

Novembro, mês de chuvas e mês de mortos. E' o inverno que surge, com todas as tristezas da criação, com todos os sofrimentos e todas as lutas.

E' este novembro das chuvas e dos finados que serviu de assunto para mais esta página do nosso colaborador Habert Dyr, que tem tratado as mezes no anno de 1890 com uma notável e superior distinção.



OS QUINHENTISTAS

A NACIONALIDADE que o Mestre de Aviz consolidara, estava robusta e válida. Assentava em bases solidas, cimentadas pelo patriotismo e amparadas pela fé.

Portugal ocupava então brillante e incontestavelmente o seu lugar entre as nações; remontava a sua origem a cerca de quatro séculos; era, portanto, já uma nação fidalga. Pouco extenso em seu território, não podendo ampliar-se na Península onde ele fixara com que a Hespanha se encolhesse, tinha sómente as vastíssimas e ignotas planuras do Oceano para estender-se nos seus raptos audaciosos de descobrimentos. Construiu, pois, a pequena caravela, e lhe foi órvante pelas águas inviáveis, sulcando as suas ondas espumantes, espancando as sombras do misterio e desvendando os mythos das lendas tenebrosas; lá foi singrar em novos mares e aprosor a novos continentes, aliançando em nupcias a velha Europa ao Novo Mundo, por meio do anel esmeraldino do Oceano. E viram-se esses novos plenícios levar a toda a parte o nome português, e em toda a região implantar o símbolo da fé.

Não ha povo cuja missão tenha sido mais civilizadora e a quem o mundo moderno mais graças deva, e por isso em a nossa decadência ainda podemos envolver-nos no resplendor das nossas tradições. Levava séculos de gestação essa gloria impercetável, mas o fulgor foi intenso



AFRICA OCCIDENTAL. — A COSTA DO OURO E O DAHOME.



PÁRIS. — O NOVO MONUMENTO À MEMÓRIA DE EUGÉNIO DELACROIX.

e vivo. No grande movimento que no século XVI percorreu a Europa, foi Portugal uma das nações que n'elle mais sobressairam. Surgira o dia fulgentissimo da Renascença, de cuja aurora os rosados clarões primeiros já sete séculos antes haviam começado a colorir o horizonte; renasciam os primeiros classicos, uma seiva de intensa vida percorria o organismo das nações; e onde sucedia a canção de gesta, o arco voluptuoso substituia a ogiva ideal, os altíssimos pilares tão robustos como troncos em florestas densas davam lugar às colunas de Corinto, esveltas e elegantes como as mulheres da Ática. Nas telas alargava-se a perspectiva e carregavam-se os tons; nas estatuas rígidas da Edade-Media o cíngulo, ante o classicismo, fazia sobresair as feições e os contornos vagos.

Emporio de todo o comércio para as regiões que desvendara, Portugal tinha pois elementos de progresso de esplendor, e d'ahi muita influencia havia de exercer a prosperidade da nação no desenvolvimento dos espíritos. E realmente assim foi; com o século do nosso esplendor político coincide o nosso século literário verdadeiramente classicista. Houve então uma pleia glória de espíritos, uma cohorte magestica de talentos.

Cada época tem o seu característico e cada monumento coeve o cunho da época que o inspirou. O monumento da Batalha é um símbolo da phase política da nação em o tempo em que um povo autônomo erguiu um trono robusto em que se apoiasse a sua independência. A sua feição é a de todos os templos sublimes que na Europa a maçonaria de então espalhava — marmores flores plantadas em um terreno cuja gleba fora revolvida por séculos sucessivos de barbarie. Aquellas columnas alíssimas, que se alinham, aquellas abobadas que terminam em fecho, aquelles capiteis onde ha folhas de robe e de lodo, aquellas ventanas em ogiva, tristes e místicas, com suas vaidades coloridas, parecendo grandes olhos erguidos em arroubamentos para o céu, tudo indica a Edade-Media em pleno esplendor da sua feição — o mysticismo.

Em Belém perpassa já um sopro do Oriente, n'aquellas linhas há a influencia classicista, os fustes das columnas são hastas de palmeiras elevadíssimas, as nervuras das abobadas lâmes de ramos de árvores em florestas indias, que se entrelaçam e se anastomosam, a ogiva vai a dirigir o seu vertice para o céu, mas curva-se, olha à terra, e cedo se resolve na voluta de um arco esvelto.

E do mesmo modo os monumentos literários apresentam o cunho da sua época respetiva; as crónicas de Fernão Lopes têm a severidade de uma fortaleza, o poema de Camões o aspecto classicista de um edifício da Renascença. N'aquelle a linguagem rude e arcaica é como o granito, no segundo a phrase é culta e moderna, parece marmore. Camões da traça regular à sua obra épica, n'ella desdobra quadros, n'ella desenrola perspectivas; erudito, nada escapa à sua indicação, poeta em parte alguma empalidece a sua phantasia; historiador, patenteia mil factos, patriota tecem mil louvores à terra de seus maiores. Bernardo Ribeiro é um provençal no côrte de um monarca felicissimo do século XVI, as suas ruínas soariam bem acompanhando os accordes de um arrabil, a soluçar queixoso pelos patios de uma senhorial mansão, — teem elas a vibração limpida do crystal e a sinceridade bella da musa das tradições do povo. Sá de Miranda e António Ferreira são classicos puros, pedem à Italia o hendecassyllabo e nacionalismo o soneto, a forma correcta e musical em que Petrarca soluçou de amor e os terços tão regulares em que o Dante traduziu as suas tetras visões apocalípticas. Gil Vicente, que fazia os autos d'El-Rey, o secularizador do teatro, consubstancia em si a sincera e

justa alma popular, tão vivo na sua imaginação, tão original nas suas rimas, tão mordaz em sua critica. E estes foram os coryphées, mas a par quantos nomes illustres! Garcia de Resende, o ultimo dos trovadores, Barros, o historiador emerito, Arraes e Heitor Pinto, os moralistas, e Ruy de Pina e Goes e Falcão e Corte-Real e o bispo Osório e outros!

A linguagem é então rica de locuções vernaculas, as imagens são proprias, as figuras tem colorido, os sentimentos vigor e as phrases proporcões. Depois vem o cultismo estender por sobre essa carreira de marmores purissimos um terreno fragil onde muito embora floresce uma vegetação luxuriante; mas tarde o século XVIII, pretenso e frívolo, dá leigias geometricas a essa vegetação, corta, arredonda, faz canteiros, labirintos, muros de folhagem, é então a linguagem um acervo de archaismos, de gongorismos, de barbarismos, insípidos, complicados, obtusos.

Chega o romantismo e tudo revoluciona; quebra-se a turgida corrente da influencia do Renascimento, e reatum-se as tradições da Edade-Media; e então aquele terreno fragilizado, que recobria os marmores preciosos, esborrou-se e tombou, bem como das cabeças de nossos avós caihiram as fartas cabeleiras polvilhadas. Então Garrett desvenda um filão precioso que sulca as camadas marmoreas e transmite-nos as tradições da musa medieva. E logo após dois atletas lançam mão à obra de desagregar e polir os materiais da mole de marmore brilhante, isto é, fazer renascer a vernacularidade dos quinhentistas.

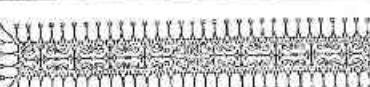
Um tem o aspecto grave e duro, parece um valo da Edade-Media, estoico como um guerreiro de Sparta e paciente no labor como um beneditino, faz vibrar a linguagem como bronze, e as suas armas para os contrários são possantes e leaes como as de um paixadino; o outro, defendendo-se da Crítica, parece um esgrimista do século XVI, um personagem de Lope de Vega; tenaz, vai desaggregando da mole os mais puros e lucilantes pedaços de marmore e, nervosamente, faz gargarilar em torno aos adversários, fustigando-os, o seu inflexível sarcasmo sibilante. O primeiro foi Herkulano, o segundo Camilo.

Ambos eram os tradicionalistas, os sucessores dos espíritos luminosos de século aureo litterario da nação; ambos atletas do espirito resuscitaram o vernacularismo da phrase, a beleza justa do colorido e a originalidade verdadeiramente nacional. Embora pertencendo ao século XIX, ambos foram, portanto, os ultimos quinhentistas.

Porto - 1890.

ALTRENO ALVES.

BABY REAL | **VIOLET** | **SABIO**
de THRIDAGE | Único Inventor | **VELOUTINE**
18, Alameda dos Italianos, Paris



CANCIONEIRO CHINEZ

KIMI

LUAR NAS AGUAS

Vem das aguas surgindo a lua-cheia
o mar parece um disco de metal,
Vários amigos, no batel que ondeia,
vão exgottando as taças de crystal.

Alguns, fitando as nuvens luminosas,
sobre os montes, à lua, baloicados,
dizem que são as languidas Espousas
do Imperador, que passam desmaiadas,

nos seus amplos, riquíssimos vestidos
ensopados em ondas de luar...
outros porém afirmam, convencidos,
que são bandos de cysnes a voar...

OLHANDO A LUA

Oço cantar no meu jardim florido
uma mulher ditsosa...
e sem querer, no azul indefinido
só a Lua radiosa.

Nunca pensei no acaso de encontrar
essa mulher sunve,
que no jardim vizinho oço cantar
como um gorgojo d'ave.

E fico a olhar na abobada infinita
a Lua vagabunda,
pensando que o luar tambem me fita
n'um raio que m'inunda.

Fecho os olhos se passam bruscamente
os morcegos voando;
mas está sobre mim continuamente
a Lua dardejando.

Dos Poetas nos olhos rutilantes
espelha-se o luar,
como na escama dos dragões brilhantes
—esses Poetas do mar.

A SOMBRA DA LARANJEIRA

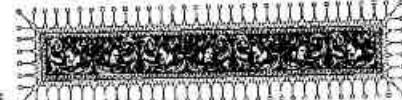
A donzella que vive desde a infância
a trabalhar na alcova recatada,
se uma planta de jade ouve a distancia
fica toda a tremer, sobressaltada.

E' que n'aquelle musica suave
pensa logo escutar, doce e distante,
a voz serena, como um trillo d'ave,
d'algum que deve ser moço e galante.

E se através da preciosa esteira
que na janela impede o sol d'entrar
vem a sombra da espessa laranjeira
no seu regaço virginal brincar,

—toda córada como um fructo ardente,
na delicia do sonho em que se entreda,
pensa que alguém, voluptuosamente,
lhe despedaça a tunica de seda...

ANTONIO FILHO.

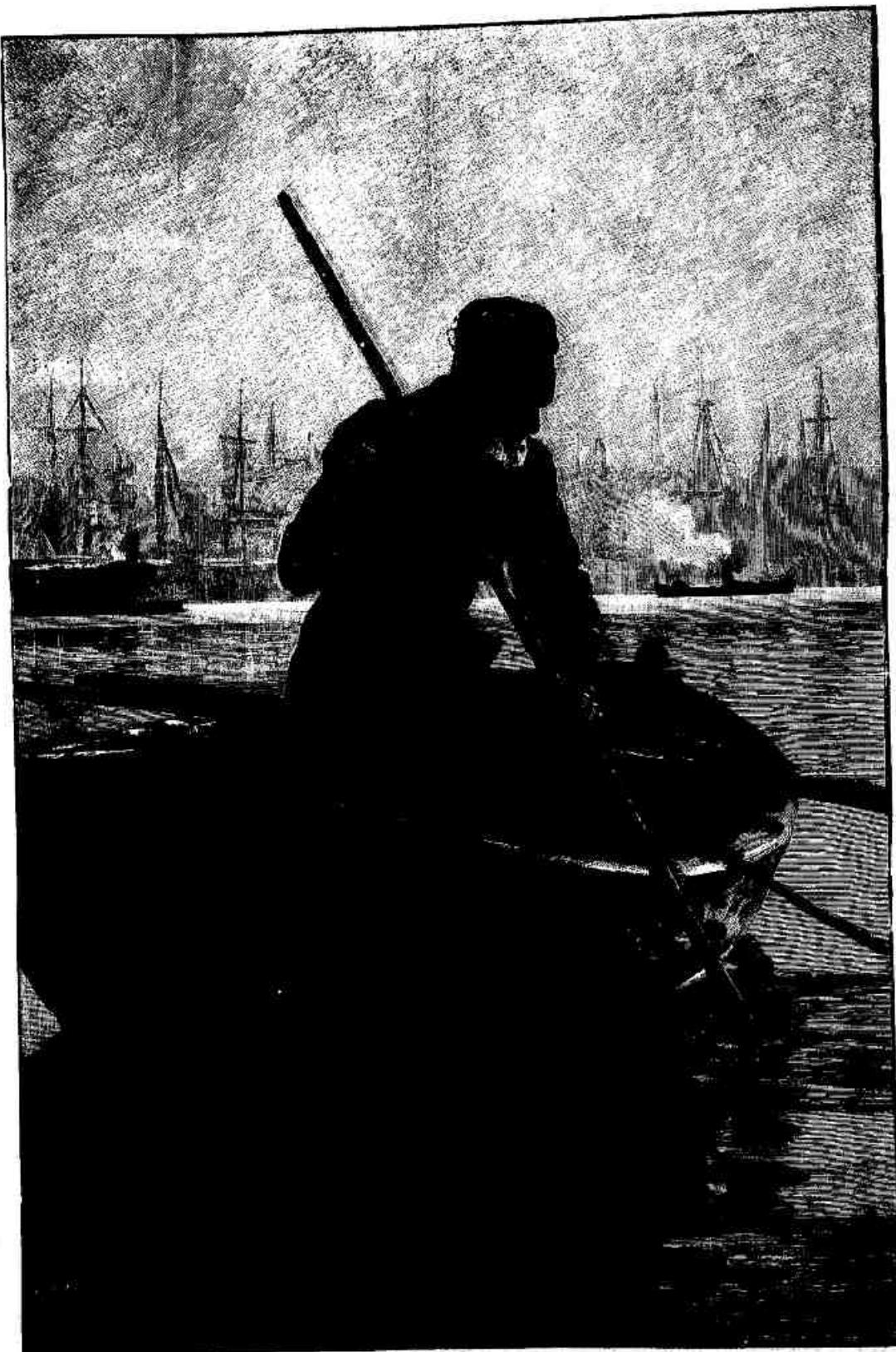


OS PEQUENOS ROUBOS

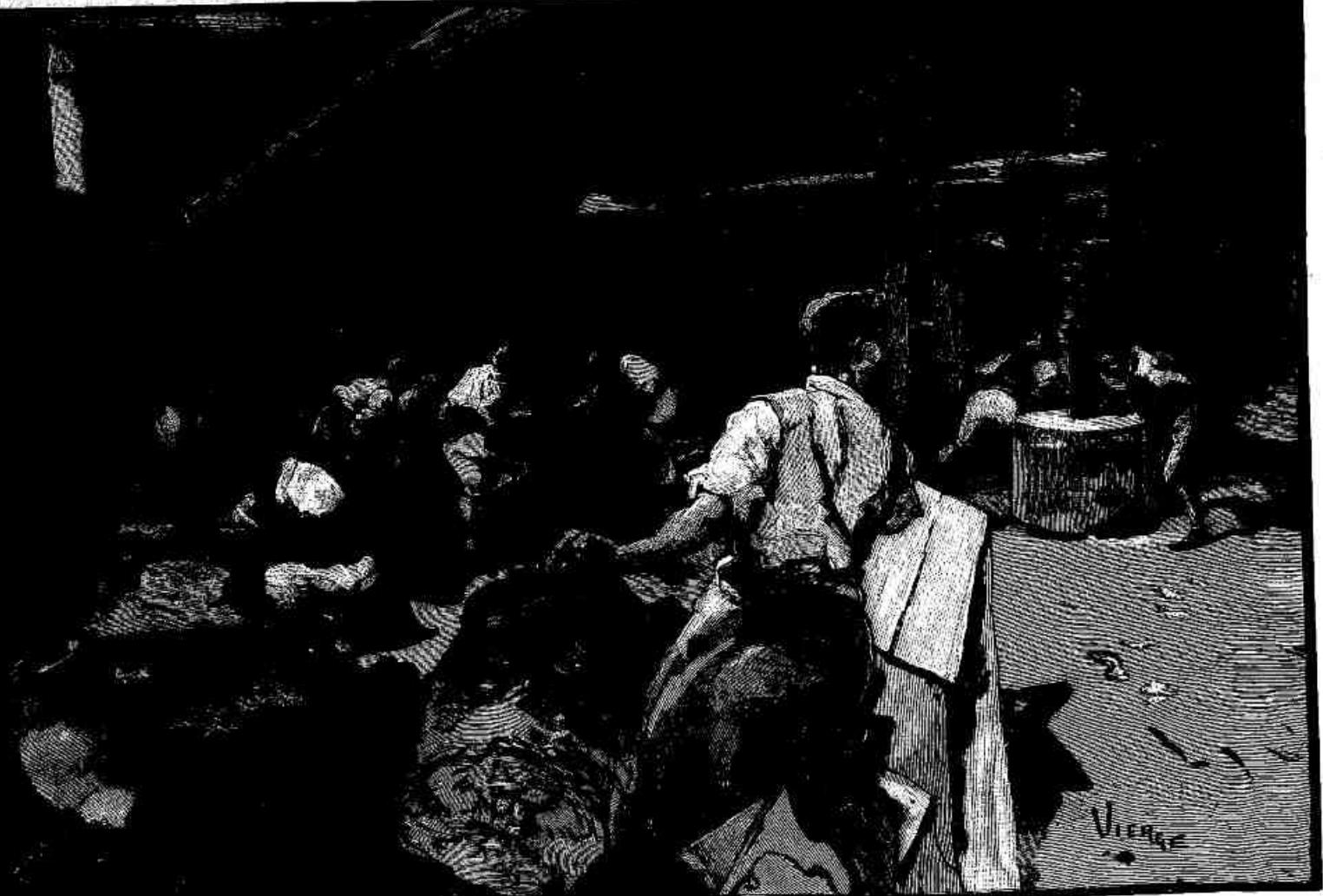
SEJAMOS indulgentes para com aquelles que succumbem à miseria ou à tentação. Onde está o justo que não foi, pelo menos uma vez, um poucochinho larapido?

E vão saber como se conseguê tal:
—A caixa não pagava senão no dia seguinte!
—Eu procurava pois no fundo da minha bolsa os meios de passar as vinte e quatro horas que me separavam do bemaventurado pagamento. —Estava salvo! porque um convite para jantar fôra me garantia essa refeição e restavam-me ainda cinco francos para almoço.

Nesse dia justamente estava com immensa fome, e lá sair para o Brebant com a firme intenção de devorar os meus cem soldos até ao ultimo centimo, quando bateram à minha porta.



BELLAS ARTES. — O PESCADOR.



AS VINDIMIAS EN HESPAÑA.

VIII

Eia! Jupiter tonante!
Não faças metamorphoses.
Vibra um raio deslumbrante!
Eia! Jupiter tonante!
Meu velho patrício amante,
Sofre as modernas nevroses!
Eia! Jupiter tonante...
IX

Lá vem a loira Amphitrite
Na concha do mar lônio!
A Musa fez-lhe um convite:
Lá vem a loira Amphitrite!
Neptuno tem appetite
D'aquella carne, demônio!
Lá vem a loira Amphitrite!
Na concha do mar lônio!

X

Ouvem-se harpejos e threnos
Dignota lyra distante...
Ajoelham-se os Silêncios,
Ouvem-se harpejos e threnos...
Que deslumbramento! — é Venus,
A deusa mais fulgurante!
Ouvem-se harpejos e threnos
Dignota lyra distante.

XI

Ao fulgurar d'esta troça,
Catadupe esta Alegria!
O riso os tédios acossa,
Ao fulgurar d'esta troça!
Mocidade! a vida é nossa!
Evolé! nova poesia!
Ao fulgurar dessa troça,
Catadupe esta Alegria!

XII

Este divino phalerno
Bebo aos teus annos, formosa!
Symbolisa o gôgo eterno,
Este divino phalerno!
Haja o strepito moderno!
Viva o prazer cér de rosa!
Este divino phalerno
Bebo aos teus annos, formosa!...

Fimeto de Almeida.



HISTÓRIA DO MEU TEMPO

RAIAS

S franceses chamam a estes contratempos da vida goles; nós, portugueses, chamamos-lhes raias, e é assim que eu lhes chamei maresi...
Não há ninguém no mundo que não tenha dado a sua raias, e embora toda a gente se ria d'ellas depois, no momento proprio deixam uma pessoa positivamente sem saber de que terra é...
Eu então tenho sido n'issso uma verdadeira desgraça.

Aqui ha muitos annos, era o Ernesto Desforges empresário da Rua dos Condes, fui uma noite a esse theatro, cuja companhia nunca tinha visto.

Quis comprar um bilhete, mas o empresário não me deixou e levou-me para o camarote da empresa, onde estavam dois rapazes muito sympathicos, que eu não conhecia, e a quem o Desforges não me apresentou.

O espetáculo começou, e Desforges saiu do camarote e ficámos nós trás, eu e os taes dois rapazes, a ver a peça.

A peça era uma sensaboria enorme, e o desempenho tudo o que se pode imaginar de mais desoperadorável.

Havia sobretudo um actor cómico que queria ter graça, mas que era tão insípido, tão desastrado, que fazia vontade da gente lhe bater.

Começei a conversar com os meus companheiros de camarote e, naturalmente, como a a peça não prestava paixão nenhuma, principiei a comentar sem cerimónia as tolices, os desparates que n'ella abundavam.

Os meus companheiros, que ao princípio tinham estado a conversar e a rir muito jovialmente comigo, começaram a estar sérios, reservados, de poucas palavras, a responderam com risos amarallos as observações que eu fazia.

No intervallo o Desforges apareceu.

— Então que tal te parecer a peça?

— Fruamente pareci-me...

O Desforges (atarracado logo e apontando-me uns dos meus companheiros) — O meu amigo F... o autor da peça!

Embucadissimo, apertei a mão que com uma cara muito comprometida me estendeu e apresentou entado.

— Não me parece mal, a peça não é má, emendei eu atrapalhado, agora o desempenho é que a comprehende: principalmente aquele homem alto, o Xavier, é detesta...

— O meu amigo o sr. F... iriu do actor Xavier! interrompe-me o Desforges apresentando-me o meu outro companheiro...

Na antiga redacção do Diário da Manhã houve também suas raias menos más.

Uma foi de Urbano de Castro, e ainda hoje quando falamos n'issos raias disparatadamente.

A redacção ia muito um militar velho, cego d'um olho, com quem nós fazímos muita cerimónia.

Por esse tempo apareceu em Lisboa a companhia de ópera francesa com a Préciosi e a Marie Dupuis.

Logo nas primeiras noites, indo ao palco, encontrámos lá, rodeado de coristas francesas, o nosso amigo militar litar...

No dia imediato falamos-lhe n'issos na redacção.

— Então o senhor anda metido pelos basidores com as francesas? disse-lhe eu.

— E' aproveitar ao principio, em quanto lá não aparecem os conquistadores. Por ora não vae lá ainda ninguém, estou só em campo e por isso...

— Sim, Urbano, comentou n'issos distrubidamente o Urbano de Castro, o senhor fia-se no provérbio — na tenta dos cegos quem tem um Olho é rei!

Uma gaiz ou raias, que eu achai deliciosa e que ia causando quasi uma apoplexia, ouvi eu n'uma livraria francesa que houve em tempo na rua do Theatro Velho — a livraria de madame Lallemand.

Um rapaz elegante, do Porto, bom rapaz, muito engracado, bom cavaqueador, e muito lido na literatura portuguesa contemporânea, estava havia dias em Lisboa.

Este rapaz tinha uma matin — a de conquista.

Passava os dias à esquina da Hawaneza à espreita de conquistas, apinhava estufas, monumentais a seguir as senhoras que andavam sós, e à noite corria todos os theatros a espiacelar corações com os seus olhares irresistíveis.

Apesar d'este feitio de tolo, ele não o era; o amor era o seu defeito, contado.

Uma noite, na Trindade, esteve todo o espetáculo a devorar com o binóculo uma senhora magra, loura, sympathetic, que estava em um camarote.

A senhora dava-lhe sua atenção, mas à saída metteu-se num trem com a família que a acompanhava, e o rapaz perdeu a pista.

Andou ali tres ou quatro dias positivamente doido à procura da sua loura da Trindade, sem lhe ser dado encontrar-a.

Finalmente, uma tarde, no Chiado, ve-a passar.

Pernas para que te quer: veia e segui-a foi obra de um momento.

Ela não ia sózinha, mas era quasi o mesmo: ia com uma pequena que tem os seus nove ou dez annos.

O rapaz segue-a.

Ella desce o Chiado, elle desce também. Volta à rua Nova do Carmo, elle volta.

Entra no Rocio, elle entra.

Toma para a rua do Ouro, elle toma.

Sobe no Fute das Almas, elle sobe.

E assim volta ao Chiado, vira a rua do Thesouro Velho, e aí entra pela livraria de madame Lallemand.

O rapaz entra também na livraria.

A senhora loura era conhecida da casa e fala com a caixeara a respeito de livros.

O rapaz pede livros e começa a querer entabolar conversação.

A fregueza loura estava vendendo umas edições de luxo, e elle para meter conversa pede também a caixeara edições de luxo.

A caixeara mostralhe. Ha um liveo português, de Sophia Abrantes, numa edição primorosa, ricamente encadernado.

A occasião era magnifica para mostrar o seu espírito.

Conhecia muito as obras de Sophia Abrantes, eram detestáveis, e a tal literata não passava de uma bas bleue insuportável.

E a propósito do livro começou a apreciar a obra literaria da tal Sophia Abrantes, a ridiculizar-a com muita graca, a apreciar-a com muito espirito, rindo muito, fazendo uma troça completa, em forma.

Com muito espirito a sua má lingua engracadiSSIMA não conseguiu fazer ir a tal dama loura, e, antes pelo contrario, ella, que até lhe deitava seus olhares animadões, desfez que elle começou a falar nunca mais para elle elinhara.

E no meio do cavaco despede-se da caixeara e vai-se embora.

O rapaz comprimenta-a muito amavelmente, com uma grande barretada.

Ella mal lhe abaixa a cabeça.

— Quem é esta senhora? perguntou o rapaz à caixeara, apenas a dama loura saiu.

— E' a D. Sophia Abrantes.

Gervasio Lobato.

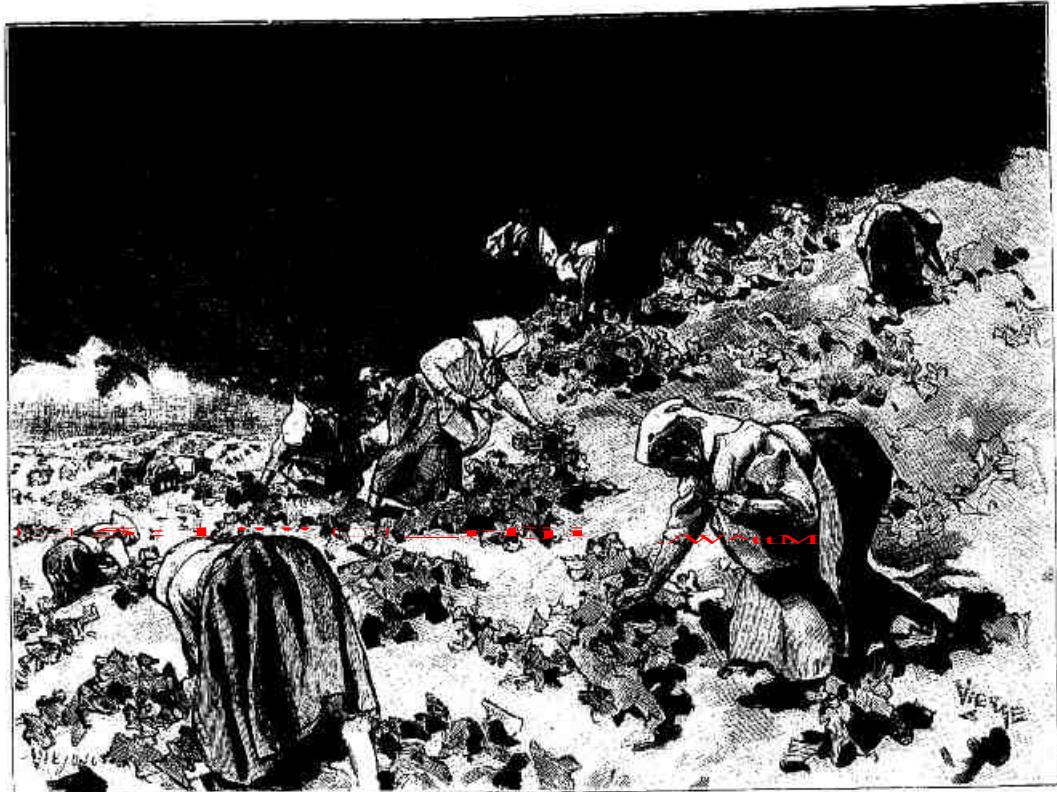
A PASTA DENTIFRÍCIA DE BOTOT

VENDE-SE EM TODAS AS PRIMAS CASAS.

E EM SEU DIVERSOS GRALHS DE BELEZA.

UNICA VERDADERA AGUA DE BOTOT

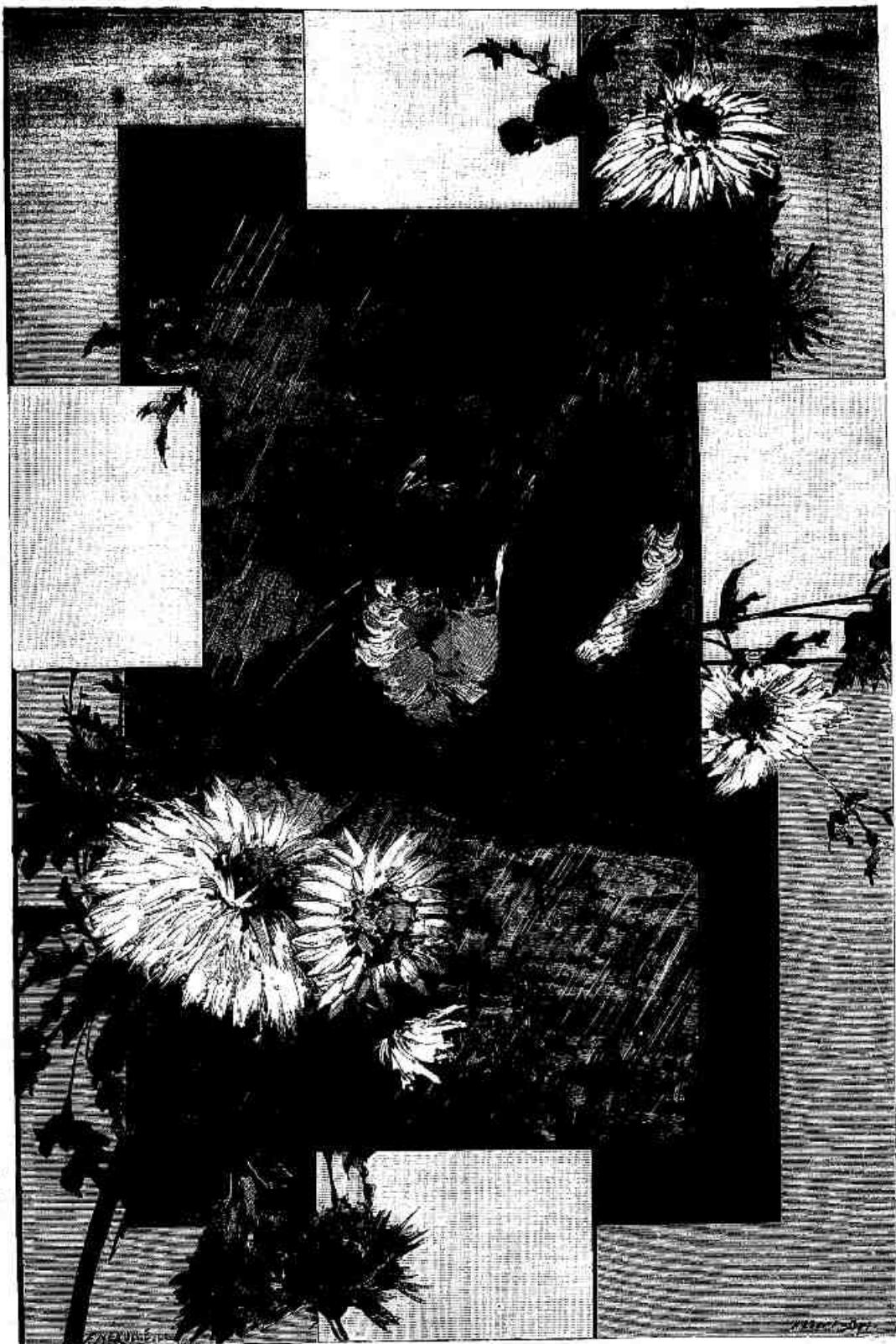
PARIS — 17, Rue de la Paix, 17 — PARIS



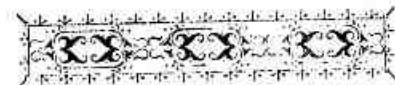
A APANHA DA UVA.



VINDIMA — VINDIMAS EM HESPAÑA. — Os CARRAGADOS.



OS MEZES ILLUSTRADOS. — NOVEMBRO.



O AMOR

Tenho feio e ardor em febre!

O amor me acalma e endoula! o amor me eleva e alata!
Quem hi que os laços, que me prendem, quebre?
Que singular, que desegual combate!

Não sei que hervada frécha
Mão certeira e fallaz me cravou com tal geito,
Que, sem que eu sentisse, o estreita brecha
Abrui, por onde o amor entrou meu peito.

O amor entrou tão cauteloso
O inciou coração, que eu nem cuidei que estava
Ao recebê-lo, rachendo o arauto
U' esta loucura desvairada e brava.

Entrou. E, apenas dentro,
Deu-me a calma do céo e a apitação do inferno...
E hoje... ai de mim, que dentro ou mim concentro
Dóres e gastos n'uma fútar eterno!

O amor Senhora, vede:
Prendeu-me. Em vilo me extorço, e me debato, e grito;
Em vilo me agito na apertada rede...
Mais me emburço quanto mais me agito!

Falta-me o senso: A esmo,
Como um cígo à fuzete, fisco nem sei que porto.
E tanto lio diferente do mim mesmo,
Que nem sei se estou vivo ou se estou morto.

Sei que entre as novens paixas
Minha fronte, e meus pés andam pisando a terra;
Sei que tudo me alegra e me desvira,
E a paz destruído, suportando a guerra.

E assim peno e assim vivo:
Que diverso querer! que diversa vontade!
Se estou livre, desejo estar captivo;
Se captivo, desejo a liberdade!

E assim vivo, e assim peno;
Tendo a bôca a sorris e os olhos cheios de agua!
I u acho o nectar n'um calix de veneno,
A chorar de prazer e a vir de magua.

Infinita magua! infinito
Prazer! pranto gostoso e sorrisos convulsos!
Ah! como doc assim viver, sentindo
Azus nos hombros e grillhões nos pulsos!

OLAVO BELAS



ROMANTISMO

1

Então, Rodolfo, decididamente: não te queres casar com a viuva Santos?

Nem com ella, nem com outra qualquer. E peço-lhe, meu pae, que não insista sobre esse ponto, para poupar-me o desgosto de contrariá-lo. O casamento assusta-me; é a destruição de todos os sonhos, o amiquilhamento de todas as illusões. Deixe-me sonhar ainda. Tenho apenas vinte e cinco annos.

Tu o que tens é uma carregação de romantismo e preguiça, que me aborreça deveras. O teu prazer, meu mariola, é andar envolvido em aventuras de novella, desencaminhando senhoras casadas, procurando amores misteriosos e nocturnos, paixões de horas mortas, de chapéu desabado e capa. Olha que um dia vem a casa abaixo! Don Juan quando menos o pensava lá se foi para as profundas do inferno!

Entretanto, observou Rodolfo a sorrir, Don Juan também usava capa, e dizem que quem tem capa sempre escapa.

Ri-te! ri-te! um dia has de chorar!

E o Dr. Sepulveda poz-se a medir com largos passos nervosos o soalho do gabinete.

De repente estacou, sentou-se, e voltando-se para o filho:

— Que diabo! disse, a viuva Santos é uma das senhoras mais lindas que eu conheço! Não se diga que eu te estou mettendo à cara um calhanago.

— Fosse a propria Venus!

— E' mais, muito mais, porque Venus não tinha duzentos contos de réis em predios e apólices!

— Ora! sou bastante rico e o senhor, meu pae, não sabe o que ha de fazer do dinheiro. A sua banca de advogado rende lhe uma fortuna todos os annos, e eu tenho a satisfação de lhe lembrar que sou filho unico.

— A minha banca, maluco, ha muito tempo não rende o que rendia no tempo em que os cães andavam com linguiças no pescoco. O que te ficou por morte de tua mãe, e o que te posso dar, ou deixar, é pouco para a tua dissipiosa vida de rapaz romântico, anachronico e serodio.

— Tenho ainda meu padrinho, o general.

— Pois sim! Teu padrinho é muito bom, sim senhor, muita festa p'ra festa, meu afilhado p'ra cá, meu afilhado p'ra lá, mas olha que d'aqueila matta não sae coelho.

— E' extraordinario o interesse que o senhor tomou pela viuva Santos!

— Não é por ella, é por ti, pedaço d'asma! Vocês foram feitos um para o outro, acredita, e o que mais lhe agrada na tua pessoa é justamente esse feitio que tens, de Autony de edição barata.

— Ela nunca me viu.

— Nunca te viu, mas conhece-te. Pois se eu não lhe falo senão no meu Rodolfo! Levei-lhe a tua photographia, aquela maior... do Pacheco... aquela em que estás tão bonito, que até me pareces tua mãe!

— Que tolice! minha mãe com bigodes!

— Os bigodes não; mas os olhos, a bôca, o nariz, parecem tirados de uma cara e pregados na outra.

— Mas se o senhor lhe levou o meu retrato, por que não me trouxe o d'ella?

— D'isso me lembrei eu. Infelizmente ella nunca se photographou. Se eu lhe apanhasse o retrato, oh! oh! mostrava-t'o, e estou certo que não resistirias...!

— O senhor mette-me medo! Para evitar uma asneira da minha parte, hei de fugir da viuva Santos como o diabo da cruz!

— Disseste que eu me interessasse por ella; e quando me interessasse? Não é filha de um bom camarada, o Telles que morou comigo quando eramos estudantes, e se formou em Olinda no mesmo dia em que eu? — Não imaginas o prazer que tive quando recebi uma carta de Rosalina — ella chama-se Rosalina — dizendo-me: «Vinha vêr-me; quero conhecer um dos melhores amigos de meu pobre pae».

— O pae é morto?

— Ha muitos annos. Morreu juiz municipal em Alagoas. Deixou a mulher e os filhos na mais completa pobreza, mas os rapazes arranjaram-se no commercio, e lá estão, em Pernambuco, em companhia da mãe. A Rosalina, essa, casou-se com um negociante d'aqui do Rio, o

Santos, que a viu por acaso uma vez em que teve de ir a Pernambuco tratar de negócios.

O Dr. Sepulveda approximou a sua cadeira para mais perto da do filho, e continuou:

— Algum disse que a viuva é como a casa que está para alugar: ha sempre lá dentro alguma coisa esquecida pelo antigo inquilino. Eu bem vejo, meu filho: o que te desgosta é esse Santos, esse marido, esse inquilino: pois não tens razão. O casamento de Rosalina foi obra dos irmãos — um casamento de conveniencia. A pobre rapariga sacrificou-se à felicidade dos seus. O coração entrou ali como Pilatos no Credo. Oito dias depois de casados, os novios vieram para o Rio de Janeiro. Seis meses depois, morreu o marido, mas antes disso teve a boa ideia de chamar um bellião e fazer testamento em favor d'ella. Offereço-te um coração virgem, meu rapaz; aceita-o, e com isso darás muito prazer a teu pae, e ao general, teu padrinho, que consultei a esse respeito e é inteiramente da minha opinião.

Rodolfo ergueu-se, espreguiçou-se longamente, e disse, com os braços estendidos, e a bôca aberta n'um horroroso bocejo:

— Ora, meu pae, não falemos mais n'isso. E não falariam mais n'isso.

O dr. Sepulveda foi ter com o general, e contou-lhe a relutancia do afilhado.

— Mas hei de teimar, seu compadre, hei de teimar!

— Não teime. Você não arranja nada. Aquelle que ali está não se casa nem à mão de Deus Padre.

— E' o que havemos de vér, seu compadre; é o que havemos de vér!...

II

Dois dias depois, Rodolfo sentia-se abalado pela insistência paterna, e estava quasi disposto a pedir ao Dr. Sepulveda que o apresentasse a viuva Santos, quando o correio urbano lhe trouxe uma carta concebida nos seguintes termos:

«Rodolfo — Se não é cobarde, esteja amanhã, quinta-feira, ás 8 horas da noite, no largo da Lapa, junto do chafariz. Ali encontrará uma senhora edosa, vestida de preto e com o rosto coberto por um véu. Faça o que ella lhe indicar. Trata-se da sua felicidade!»

A carta, escrita com letra de mulher, em papel finissimo, não tinha assignatura, e exhalava um delicioso perfume aristocrata. Rodolfo leu-a, releu-a tres vezes, e guardou-a cuidadosamente. Ocioso é dizer que a viuva Santos varreu-se lhe inteiramente da imaginação, excitada agora pelo misterioso da aventura que lhe proponham.

Foi ao largo da Lapa. Por que não havia de ir? Poderia recuar uma cilada? Ora! no Rio de Janeiro não ha torres de Nesle nem Margaridas de Borgonha!

Já lá encontrou a velha, junto do chafariz. Ella foi ao encontro, comprimentou-o, e, dirigindo-se para um coupé, rodou em direcção ao Passeio Público.

— Aonde vamos? perguntou elle.

A velha disse lhe por gestos que era muda, e abaiou os stores.

Rodolfo entrou na rua das Marrecas, e dobrou a dos Barbones; depois não pôde saber ao certo se tornou á rua dos Arcos ou á de Riachuelo. As rodas moviam-se vertiginosamente. De vez em quando dobravam uma esquina. Dez minutos depois, o moço ignorava completamente se se achava em caminho de Botafogo ou de Villa-Isabel, da Tijuca ou do Saco do Alfres. Quiz levantar um store. A velha oppôz-se com um gesto precipitado e energico. Elle cahiu resignadamente no fundo do carro, e deixou-se levar. Ora adeus!

A viagem durou seguramente uma hora. Quando o coupé estacou, a velha ergueu-se, ti-

GUERLAIN de PARIS

15, rue de la Paix. — ARTIGOS RECOMMENDADOS

Aqua de Cedro Imperial. — Suposito, sabonete de toucador. — Creme Jacobino (*Ambrosia Dream*) para a barba. — Creme do Marrocos para amaciá-la a pele. — Pó de Cypress para restaurar a cutis. — Sifonete cristalizado, para o cabelo e barba. — Água Altheaense e agua de perfume limpam a cabeça. — Maria Christina. — Pau Rosé. — Hammamelis do Oeste. — Melissepo Branca. — Jasmim de Paris. — Imperial Russa. — Imperial da Bressana, para o lenço. — Áqua de Cedro Imperial Russa. — Áqua do Cíprio e água de Chypre para o toucador. — Alcoolato de Coelha, para a pele.

Mudança de Domicilio PERFUMARIA-ORIZA

L. LEGRAND, de PARIZ

11, Place de la Madeleine, (antes 207, Rue St-Honoré) PARIZ

PRODUCTOS RECOMMENDADOS

SARDINETE ORIZA MACIO
CRÈME-ORIZA
ORIZA-LACTEO
ORIZA-OLEO
ORIZA-TONICA

Onions do rosto.
Orizalina, Unhas instantaneas.
ESS-ORIZA, de todos os perfumes.
ORIZA-MAY, xissas do toucador.
ORIZA-POWDER, pó de arroz.
ORIZA-VELOUTE.



Última Novidade

Produtos especiais Da VIOLETA do CZAR

ESS-ORIZA SOLIDIFICADO, debaixo da forma de Lapis e Pastilhas de 12 Cheiros.
A varejo em todos os cabaleiros e casas de Perfumarias.

CAUTELA CONtra OS CONTRAFACCIONES

PARIS



Printemps

NOVIDADES

Envia-se gratis e franco

O catálogo geral ilustrado, em português e em francês, contendo todas as novidades para a ESTAÇÃO de VERÃO, a quem o pedir em carta devidamente franqueada e dirigida a

MM. JULES JALUZOT & C°

PARIS

São igualmente enviadas gratuitamente a todos os leitores que compram os imponentes sortimentos de PRINTEMPS, especificando-se bem os gêneros e os preços.

Expedição para todo o paiz de modo

Este Catálogo indica as condições para a expedição.

Correspondência em todas as lojas

CASA DE REEXPEDIÇÃO EM LISBOA:
TRAVESSA DE S. NICOLAU 102-A.

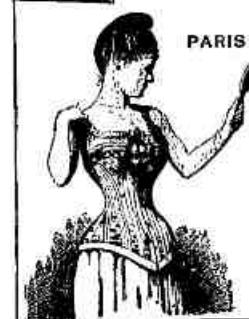
Em todos os Perfumistas e Cabelleireiros
de França e do Exterior

A VELOUTINE
Pô d'Arte especial
PREPARADO COM BISMUTHO
Por CH. FAY, Perfumista
8, rue de la Paix, PARIS

BISMUTHO ALBUMINOSO BOILLE
dysenteria, diarrhoea, gastralgia, colites.

Casa de Vertus Sacra Espartilhos

PARIS • 12, Rue Auber, 12 • PARIS



Esta casa, a primeira de Paris pelo seu bom gosto e elegância recomenda-se pela forma especial dos seus espartilhos aperfeiçoados para a moda actual.

Basta enviar as medidas exactas para receber d'esta casa um espartilho em perfeita harmonia com as formas da pessoa a quem é destinado.



ORGÃOS D'ALEXANDRE

Pôs et filhos
106, rue Richelieu
PARIS

MELOMA D'ORNA

1900

MELOMA D'OURO

1900

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)
R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)
ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS

NOVOS Modelos

ORGÃOS-HARMONIUMS
R\$ 100 FRANCS (1 LIBRA)

R\$ 2000 FRANCS (20 LIBRAS)

ENVIAMOS A QUEM O PEDIR
Catalogo Ilustrado

ORGÃOS

DE MARCH
CORREAS